SUPOSTAMENTE, NÓS COMEMORARÍAMOS de novo no ano que vem...

“No ano que vem...”

O sussurro traçou um arco pela minha mente e, quando pousou, formou uma espécie de degrau.

Era surpreendentemente difícil bolar planos totalmente novos a cada ano — pro Dia dos Namorados, quero dizer. Se isso fosse se repetir todos os anos até a eternidade, eu já estava preocupada com a possibilidade de ficar sem ideias até a quarta tentativa. A Adachi provavelmente ficaria toda envergonhada todo ano, o que era fofo, mas eu jamais teria esse mesmo nível de energia. Tem dias que eu mal consigo sair da cama.

O sono estava chegando como a luz pálida da alvorada. Comparado a afundar na escuridão, seria muito mais fácil acordar assim. Quando eu fechasse os olhos naquela luz ofuscante, o dia já teria amanhecido antes que eu percebesse. E por estar tendo vários dias assim em sequência, era claro que eu estava numa maré boa. Eu também sabia muito bem o motivo disso... mas, em vez de encarar, eu ri e fingi que não vi.

Enfim, onde é que eu estava? Ah, sim, o Dia dos Namorados.

Se isso fosse virar tradição anual, o jeito mais prático seria comprar chocolates uma para a outra e pronto. Este ano nem teve promoção para exibir os nomes no LED... Queria não ter colocado a barra tão alta logo na primeira vez.

“Hummmm...”

Debaixo do *futon* ao lado do meu, minha irmã estava aninhada com uma alienígena. Com as luzes apagadas, era para a estar um breu total ali, mas o corpo da Yashiro brilhava e iluminava o quarto. Não muito, claro, já que as pessoas estavam tentando dormir. Era um brilho azul suave, tipo uma luz de vigia — ou o fundo do oceano. E embora eu não tivesse apego emocional nenhum àquilo, olhar por muito tempo fazia meu olhar vacilar.

Para falar a verdade, eu invejava a capacidade dela de brilhar no escuro sem esforço nenhum. Qualquer um pareceria incrível se pudesse iluminar a noite só por existir. *Talvez eu devesse tentar isso também*, pensei brincando enquanto fechava os olhos. A luz suave se espalhou, iluminando meu campo de visão mesmo com as pálpebras fechadas, me engolindo por completo.

***

“Bleggghhh...”

A partir de então, sempre que eu tinha um momento quieto, acabava pensando na Tarumi. Isso foi se instalando aos poucos com o tempo, e era sério demais para simplesmente dar de ombros e pensar “ah, fazer o quê”.

No fim do nosso encontro, ela me deu a pintura e... depois fomos embora. Só isso. Nem chegamos a andar lado a lado — havia uma distância entre nós. E com certeza eu nunca esqueceria a sensação do peso que foi saindo dos meus

ombros, pedaço por pedaço, enquanto eu tirava todos aqueles acessórios de inverno para devolver a ela.

Na época, não havia nada que eu pudesse fazer, e eu sabia muito bem disso. Ainda assim, não conseguia evitar de me perguntar se não haveria uma forma melhor de lidar com aquilo. Se uma de nós tivesse culpa, provavelmente era eu. Dava para ver que a Tarumi estava se esforçando, mesmo que nem sempre conseguisse.

Para ser justa, também não era como se eu não tivesse feito esforço nenhum. Mas, olhando para trás, toda vez que eu estava com ela, tudo parecia embaçado, como se nossas conversas fossem um sonho. Talvez minha mente estivesse confusa demais para distinguir passado de presente. Era tudo surreal demais para parecer real, e quando eu finalmente senti algum peso, já era tarde demais, e nossa amizade tinha acabado. Então talvez fosse natural mesmo que nossa conexão tivesse chegado ao fim.

“Mas a gente era tão próxima… O que aconteceu…?”

“O que foi, Shimamura-san?”

“Mmm, só coisa de adolescente. Sabe como é.”

“Sim, sim, eu também passei por uma fase assim.”

Mentirosa, pensei, rindo por dentro. *Tudo com o que você se importa é comida.*

“É muito saudável ter preocupações.”

“Sério mesmo?”

“É uma prova de que você está levando as coisas a sério.”

Uau, essa até que foi inteligente — pelo menos uma vez. “É, pode ser.”

“Por exemplo, eu estou levando muito a sério o que vou comer no almoço hoje.”

“Tá, tá. O que você disser, querida.”

Mas enquanto eu ria e revirava os olhos, de repente me dei conta. Levantei o queixo da palma da mão, me endireitei e olhei ao redor. *Eu estava no meio da aula.* Com quem eu estava conversando?

Olhei rápido em volta, mas, pelo que eu conseguia ver, nada parecia fora do normal. Nenhuma cabeça de cabelo azul, ninguém me olhando estranho: será que eu tinha cochilado? Eu achava que estava melhorando nisso.

“Será que ela desenvolveu poderes telepáticos ou algo assim…?” Talvez a Yashiro só estivesse entediada mesmo. A ideia até que era reconfortante.

Nesse momento, Adachi se aproximou, embora o intervalo já estivesse quase no fim. “Aconteceu alguma coisa?”

Tinha sim algo levemente estranho acontecendo, mas eu não sabia se devia contar. “Alguém tentou falar comigo agora há pouco?” perguntei, só por precaução.

O olhar dela vacilou em confusão. “Bem… sim? Eu?”

“Certo.” Já imaginava que ela fosse dizer isso, então não me surpreendi. Não era exatamente uma resposta útil, mas me deixou um pouco mais tranquila.

“Você tava viajando, mas me olhou, então…”

Eu não tinha pedido uma explicação, mas tudo bem. Pelo visto, eu estava suspirando na direção dela. Espero que ela não tenha visto minha boca se mexendo… Mas, pelo menos, rendeu uma conversa com a Adachi, então não foi tão ruim assim.

“Eu só tava pensando no que comer no almoço,” falei para ela.

“Sua mãe não preparou nada?”

“Sim, preparou.”

Pude ver em tempo real as engrenagens na cabeça dela engasgando. “Então… o que você vai comer?”

“O que a minha mãe preparou.”

Com essa troca de falas, que honestamente foi bem idiota, a Adachi franziu a testa. “Shimamura, às vezes você é bem confusa.”

“Hee hee! Sou um enigma.”

“…Você tá me lembrando muito sua mãe agora.”

“Urgh!”

Aí o sinal tocou, e Adachi voltou correndinho para a mesa dela com passos pequenos mas apressados. Depois que sentou, olhou de novo para mim, então eu acenei. Ela acenou com mais força, então acenei de volta, ainda mais exagerado, já sabendo que ela ia tentar superar.

Essa garota estava sempre um passo à minha frente. Na verdade, às vezes ela corria uns dez passos adiante, percebia que eu não estava correndo atrás e voltava tudo de novo só para me acompanhar. Eram nesses momentos que eu sentia vontade de acariciar o cabelo dela.

“Ha ha ha…”

Eu podia sentir isso na risada que escapou dos meus lábios. Cada troca com a Adachi deixava uma marca em mim. Admito que, às vezes, essa marca era um pouco intensa demais, mas eu conseguia reconhecer que ela existia. Ela tinha o poder de me fazer me importar.

E assim, do nada, me peguei pensando só na Adachi. E quando chegou a hora de abrir o livro didático, juro que achei ter visto brilhos azuis flutuando entre as páginas.

***

“Shimamura!”

Acompanhada pelo som do meu nome, Adachi se arrastou até mim. Isso sempre acontecia depois do fim das aulas. “Sem trabalho hoje?” perguntei. Ela balançou a cabeça.

O jeito como ela esperava pacientemente ao meu lado me dava uma baita sensação de “cachorrinha fofa”. Ela negaria se eu dissesse isso em voz alta, mas, sinceramente, só faltava ela criar orelhas e rabo de cachorro.

“Quer ir a algum lugar? Ou lá pra casa?”

“…Os dois.”

“Uau, gulosa.” Mas tudo bem, eu não me importava, então me levantei.

Foi aí que troquei olhares com a Panchos, que estava saindo para o corredor junto com a Sancho e a DeLos. Por um momento, ela parou; então fez um gesto com a mão, como se estivesse arremessando um elástico invisível na minha direção. Antes que eu perguntasse qualquer coisa, ela sorriu e saiu da sala saltitando. Acho que eu nunca tinha percebido o quão esquisita ela era.

“Shimamura?”

“Esse é meu nome, não usa demais!” respondi no automático.

Empurrei gentilmente Adachi para o corredor e fui logo atrás. As paredes e o chão exalavam um ar frio, como se a gente tivesse entrado num freezer gigante; qualquer movimento fazia uma lufada gelada bater no meu rosto. O inverno era uma estação hostil, e mesmo com toda essa roupa, era difícil resistir. Talvez eu não desse valor suficiente à Adachi, já que ela aguentava firme o ano inteiro.

“Shimamura, é… como foi o lance?”

“Lance? Que lance?”

“O… lance-de-ter-encontrado-uma-amiga, esse lance,” ela disparou, com os olhos arregalados.

Diferente de mim, Adachi nunca evitava as coisas incômodas. Se algo estava na cabeça dela, ela ia direto, sem freio.

Espero que ela não se machuque por causa disso. Isso ia… sabe, ser ruim. Pra mim.

“Ah, aquilo. Entãoooo…”

Ela ficou me encarando em silêncio, esperando. *Entãoooo.*

“Não foi divertido, posso te garantir isso,” respondi com sinceridade. Seria desrespeitoso com a Tarumi fingir o contrário. Afinal, não havia nada de divertido em fazê-la chorar. “Então provavelmente não vou sair mais com ela.”

Não era o melhor momento pra usar um “então”, mas eu sabia que era isso que a Adachi queria ouvir. Dito e feito, ela me olhou com aqueles olhos desconfiados. Como é que ela sempre parecia estar me olhando “de baixo” se eu era mais baixa que ela?

Fiz um gesto silencioso de volta, tentando acalmar as suspeitas. Quando é que eu já tinha mentido para ela? Se havia algo que eu não queria admitir, eu simplesmente mudava de assunto. Às vezes, até quando eu queria admitir, fazia isso também.

Hmm, isso não é bom. Preciso melhorar nisso.

Então, dessa vez, olhei nos olhos dela e admiti: “Você é divertida.”

“Hã?”

“Felicidade, felicidade, alegria, alegria! Ha ha ha!”

Era isso. Nem mais, nem menos. Alongando o passo, quase saí pulando — e quando vi Adachi tentando me imitar, mesmo visivelmente confusa, só fiquei ainda mais convencida disso.

“Shimamura, é…”

“Simmmm?”

“Eu sou divertida? Você quis dizer que estar comigo é divertido… ou algo assim?”

“Não! Lá lá lá!”

Para ser sincera, qualquer variação serviria. Com a Adachi, eu podia entrar em qualquer ritmo — e talvez fosse exatamente isso que eu gostava nela. Por mais cruel e insensível que pareça… eu suspeitava que ninguém mais serviria.

“U-uh… l-lá lá lá…”

“Lá lááá lááá!”

Cantando, descemos as escadas. Seja lá o que a gente estivesse fazendo agora, era pura diversão.

***

Em casa, enquanto eu separava o material de estudo, disse a mim mesma que estava “fazendo uma pausa” — e, durante essa pausa, pensava no Dia dos Namorados e em tudo que ele envolvia. Eu queria fazer algo pelo menos um pouco diferente — sabe, para evitar que a coisa ficasse repetitiva. Isso era muito importante. Encontros, lugares, circunstâncias... Um monte de coisa muda com o tempo, então seria estranho se a gente não mudasse também.

Esses eram os tipos de pensamento que eu tinha — ou pelo menos tentava ter — enquanto sentava à mesa do *kotatsu*, com o queixo apoiado nas mãos, lutando contra o calor. Não estava indo bem. Estava ficando tarde, e o mundo ao meu redor começava a pesar: minhas pálpebras, quero dizer. Eram elas que estavam pesando. O alcance do meu mundo era totalmente determinado pela minha visão, e quando eu fechava os olhos, tudo desaparecia.

Nós, humanos, nos acostumamos tanto a ver com os olhos que agora temos dificuldade de enxergar com o coração. Acho que li isso em algum livro por aí.

Depois da aula, tentei planejar alguma coisa com a Adachi, mas não chegou a lugar nenhum. Ela parecia satisfeita só com o mínimo esforço, o que era estranho, considerando o tanto que ela geralmente se dedicava.

Desse jeito, eu estava derretendo mais rápido que qualquer barra de chocolate. Foi então que meu olhar caiu sobre minha mochila ainda cheia de livros. O chaveiro de ursinho sorria de volta para mim, calmo, sem desviar os olhos. Me joguei para frente e estiquei o braço para puxá-lo.

“Hrrrgh!” *Consegui. Ai, que dor.*

Tirei o chaveiro e segurei na palma da mão. Esse ursinho fofo e bobo foi algo que a Tarumi e eu compramos juntas. Fomos fazer compras, estávamos felizes… e agora, menos de um ano depois, tudo tinha acabado.

Inclinei a mão, e o ursinho escorregou, ficando pendurado de lado. Fiquei olhando ele balançar até finalmente parar.

Será que a Tarumi ainda valorizava o ursinho dela? Eu, pessoalmente, queria manter o meu. Talvez fosse só uma forma de me iludir, tentando acreditar que eu fui uma boa amiga por tratar o chaveiro do jeito que devia ter tratado a Tarumi. Mas, no fim das contas, nossa amizade foi real em algum momento. O presente nunca mudaria o passado, e enquanto eu segurasse essa lembrança, ela nunca seria perdida.

Admito que havia muita estranheza entre nós. Será que era porque, no fundo, a Tarumi queria algo mais do que amizade? Se a gente tivesse sido realmente “só amigas” o tempo todo, teria sido suficiente para nos manter felizes? Sei que é inútil pensar nisso. Mas mesmo assim...

Me joguei sobre a mesa, as mãos esticadas tentando alcançar o balão de pensamento flutuando sobre minha cabeça: *Talvez eu consiga consertar isso.* Mas não importava o que eu fizesse, nem quanto tempo o teatro continuasse, nunca seria aquilo que a Tarumi realmente queria. E assim, voltei à conclusão de que aquilo era o fim.

O fim...?

“Hmmm…”

Se ao menos tudo não passasse de um grande mal-entendido da minha parte — eu provavelmente morreria de vergonha, mas pelo menos haveria uma solução. Infelizmente, era bem provável que não fosse esse o caso. Porque os olhos dela brilhavam para mim do mesmo jeito que os da Adachi.

“Mmm…”

Eu nem conseguia lembrar direito como a Tarumi e eu nos afastamos da primeira vez. Num momento ela estava ali, no seguinte, tinha desaparecido, num piscar de olhos. A Shima-chan do ensino fundamental também não gostava muito de pensar no passado, pelo visto, porque minha memória daquela época estava cheia de buracos.

Uma vez perguntei para minha irmã como eu era naquela época, e ela disse que minha voz era mais alta. Mas ela não parecia incomodada com a lembrança, então interpretei isso como sinal de que eu ainda era uma boa irmã para ela. Essa parte estava tudo bem; o resto, nem tanto.

No ensino fundamental, no entanto, eu era o total oposto — despreocupada até demais. Consigo lembrar de bastante coisa daquela fase, mas tudo me dá vontade de esconder o rosto, de tão imprudente que eu era. Eu era a curiosidade em forma humana, invadindo o espaço das pessoas sem medo e sem pensar. Era isso que a Tarumi gostava em mim?

Hoje em dia, sou um meio-termo entre aquelas duas versões: relaxada, mas não demais. Para o bem ou para o mal, consigo relevar quase tudo com um “Ah, deixa pra lá”. Mas eu jamais teria imaginado que esse tanto de “deixa pra lá” me traria até aqui, até a Adachi. Achei que namorar com ela não tinha mudado nada na minha vida, mas agora eu conseguia pensar em uma coisa: Tarumi. Porque eu estava namorando a Adachi, nunca mais veria a Tarumi.

“Clássica Adachi…”

A Adachi havia se aprofundado tanto na minha vida que até entrou nos meus sentimentos pela Tarumi. Vai entender. Ela tinha o poder de me fazer pensar só nela. Mas essa habilidade parecia não funcionar com mais ninguém — era quase como se ela tivesse nascido com o dom específico de me cativar e tivesse passado a vida inteira dedicada a esse objetivo.

Ultimamente comecei a sentir que talvez o destino realmente nos uniu. A gente se conheceu por acaso, mas talvez esse acaso já estivesse predestinado há muito, muito tempo… Não sei, é só uma sensação que tenho. “O destino baralha as cartas, e nós jogamos”, dizia um escritor.

Agora eu já estava parecendo uma idiota cega que só enxerga o relacionamento com óculos cor-de-rosa. Vai ver o calor do *kotatsu* estava derretendo meu cérebro.

Enfim, onde eu estava? Perdi completamente o fio do pensamento. Minha mente tende a mudar de assunto sem terminar o anterior. Será que é aquele problema de déficit de atenção? O sono provavelmente também não ajudava. A preguiça me consumia, me jogando para trás — mas, antes de bater no chão, caí em cima de alguma coisa.

“Gurk!”

“Hã?!”

Endireitei o corpo e virei o pescoço para encontrar Yashiro segurando a pelúcia de foca que eu planejava usar como travesseiro. Os dois estavam agora amassados. Dei um tapinha neles até voltarem ao formato.

“Que diabos você tá fazendo, sua fuinha?!”

“Eu estava dormindo, muito obrigada.”

“Não era disso que eu tava falando!”

Eu a tinha visto lá embaixo mais cedo, então quando foi que ela entrou aqui? Será que eu não teria notado ela vindo?

“Você entrou pela porta, né?” perguntei, mesmo sabendo que era uma pergunta totalmente ridícula.

Ela congelou por um segundo. “Sim, cla… claro.”

“O que foi essa pausa?”

Ela se levantou rapidamente, ainda abraçada ao bichinho. Pelo visto, tinha se afeiçoado a ele. Por coincidência, ela estava vestida como um pássaro — talvez um grou, pelo esquema de cores — e, por algum motivo, aquilo me pareceu perfeito para ela. Não importa o tipo de problema que um pássaro enfrente, ele sempre pode simplesmente bater as asas e voar embora: o par ideal para o espírito despreocupado da Yashiro.

“Ho ho ho.”

“O que é que tem de tão *ho ho ho*, hein?”

“Há ainda mais felicidade a caminho pra você, Shimamura-san.”

“Hã?”

Ela pousou uma mão emplumada no meu ombro. “Acho que você deveria viver com mais confiança.”

Aparentemente, Yashiro estava tentando me dar um conselho. Será que meu problema era tão óbvio assim, a ponto de até uma criatura misteriosa como ela conseguir ler isso na minha cara? *Hmm.* Analisei a expressão dela, emoldurada pela parte de cima e de baixo do bico de grou. Ela parecia ao mesmo tempo feliz e com sono — nada muito diferente do normal. O que será que ela via com aqueles olhos azuis de outro mundo?

“Bom… tomara que você esteja certa,” falei para ela.

“Hah hah hah!” ela riu sem pensar, e por incrível que pareça, isso tornou tudo mais convincente. Talvez justamente por ela não ter parado para refletir antes de falar. “Pois bem, estou indo.”

“Tá bom.”

E com isso, ela saiu em disparada, provavelmente para ir atrás da minha irmã. Me perguntei por que ela tinha se dado o trabalho de subir até aqui. Era difícil encontrar uma motivação para algo que ela fazia que não fosse fome ou tédio.

“Espera…” Acabei percebendo: ela sequestrou minha pelúcia de foca. “Ah, tanto faz.” Posso emprestar para ela por hoje à noite. Vai que, quando ela devolver, ele esteja brilhando azul.

Aliás, é meio bizarro ter uma criatura bioluminescente morando aqui em casa como se fosse a coisa mais normal do mundo. No fim de semana passado, vi ela assistindo TV com meu pai e percebi o quanto ela já tinha se infiltrado na minha família. Eles estavam conversando sobre irem pescar juntos — dá para acreditar nisso?

Se meus pais levassem a Yashiro para as autoridades, isso viraria o mundo inteiro de cabeça para baixo. Seria como o pouso na lua multiplicado por cem. Mas, obviamente, minha família não ligava para nada disso. Amanhã, com certeza, eu a encontraria farejando pela cozinha.

Além disso, por que ela sempre chamava minha irmã de “Pequena”? O que era aquilo? Ninguém mais da família a chamava assim… *Bem, acho que crianças sempre inventam apelidos sem sentido*, pensei carinhosamente.

Mas eu e a Tarumi não fazíamos isso. No meu caso, as pessoas sempre começavam com “Shimamura” e davam um toque especial. Ninguém nunca tentou criar algo fofo com meu nome próprio, provavelmente porque era raro e meio difícil de pronunciar.

“Meu nome próprio... É isso...!”

Curiosamente, essa foi a resposta para outra pergunta. Na nossa cultura, os nomes próprios não ganhavam muita atenção; a única pessoa que eu chamava pelo primeiro nome era, tipo, a Yashiro. Mas isso tornava os primeiros nomes ainda mais especiais e, depois de muitos altos e baixos, consegui resolver o problema que tinha começado.

O que poderia mudar mais facilmente: nós ou o mundo? A resposta era óbvia. E se quiséssemos algo diferente, não precisava ser nada dramático. Bastava dar um passo para trás e mudar de perspectiva.

Olhei para meus materiais de estudo, que não tinham sido tocados desde que os organizei com tanto cuidado. Então, empurrei tudo para o canto da mesa, peguei o celular e digitei minha ideia para mandar para a Adachi:

“*Para o Dia dos Namorados deste ano, vamos nos chamar pelo primeiro nome o dia todo.*”

***

Eu conseguia ouvir meu alarme tocando, mas meu braço se recusava a alcançá-lo. Minha cabeça estava vazia, e era estranhamente confortável simplesmente coexistir assim. Tentei tensionar os músculos abdominais, mas meus dedos não conseguiam atravessar a distância. Se eu prendesse a respiração, tinha certeza de que voltaria a dormir... e mesmo assim não conseguia me mexer.

“Zzzzz...”

“Rrgh!”

Eu via as pernas da minha irmã sobre mim. *Ei, para com isso!* pensei, mas ainda assim não conseguia me mover. No fim, ela acabou desligando meu alarme. Isso acontecia com frequência.

“Nee-chan, tô começando a achar que não adianta nem você ter alarme.”

“Não é verdade,” murmurei, mas meus lábios se recusavam a cooperar, então nem consegui protestar. Ela me ignorou e voltou para a mesa de estudos.

Peguei meu celular, esquecido no chão, e olhei as horas. Meu alarme era sempre pontual.

“Primeiro, ugh... acho que vou escovar o cabelo...”

Quando comecei a tocar no cabelo, o sono já tinha ido embora. Através das cortinas meio abertas, dava para ver um céu nublado, e por algum motivo — talvez a cor — olhar para aquilo me fez arrepiar, como se alguém tivesse roubado um dos meus cobertores. E mesmo com o aquecedor ligado, parecia que uma brisa soprava de algum lugar.

Por enquanto, levantei e comecei a me arrumar para sair. No instante em que pisei fora do meu quarto, o calcanhar congelou no chão, como se tivesse se transformado num hexágono. Era cedo demais para sair saltitando por aí, mas mesmo assim, pulei pelo corredor até o banheiro. Depois, enfrentei a água fria para lavar o rosto e despertar.

Apesar de ter dormido bastante, meu cabelo não tinha nenhum tufo rebelde sequer. Armada com um pente e um borrifador, comecei a me arrumar para parecer apresentável. Quando terminei, só aí consegui perceber que devia ter esperado para fazer isso depois de me vestir, mas já era tarde demais.

Depois que meu cabelo ficou aceitável, voltei para o meu quarto. Minha irmã ainda estava sentada quietinha na mesa de estudos — provavelmente fazendo o dever de casa.

“Orgulho de você!” Disse para ela casualmente.

“Isso não é um elogio vindo de você,” ela retrucou com sarcasmo. Então, fiz questão de dar um tapinha na testa dela, que parecia um pouco mais alta do que eu lembrava. *Hã*. Olhei para a cabeça dela.

Enquanto escolhia minhas roupas, meu celular apitou. Dessa vez não era o alarme. Me arrastei até a mesa e peguei o aparelho. Por um instante, pensei que fosse outra pessoa, mas era mesmo a Adachi, minha namorada.

“*Posso te ligar?*”

“*Claro!*”

A essa altura, já era costume começarmos todas as conversas assim. O telefone tocou, e eu atendi: “Alô, alô!”

“Alô... alô?” ela respondeu, confusa. *Ela é tão pura.*

“Então, em que posso ajudar?”

Será que tinha surgido algum imprevisto e ela precisava cancelar? Se fosse o caso, seria a primeira vez. Muitas vezes eu recusava os convites dela, mas não lembrava dela ter dito não para mim. *Tudo bem ter prioridades, né?* pensei comigo mesma. Aí lembrei: eu era a prioridade da Adachi.

“Não se preocupa, eu tô acordada,” disse, caso ela estivesse com medo de eu me atrasar.

“Mas foi quase,” disse uma voz arrogante à minha esquerda, mas fingi que não ouvi.

“B-bom,” respondeu a Adachi.

“Uhum.”

Depois dessa troca morna, ela foi ao ponto principal: “Então, hum, sobre essa coisa de... a gente se chamar pelo primeiro nome...”

“Sim?” Pois é, essa era mesmo a minha ideia.

“Quando começa?”

Que pergunta estranha. Olhei para o calendário e conferi a data. Era mesmo dia 14. “Hã, hoje...?” respondi devagar, mas parecia não fazer muito sentido.

“Não, quero dizer, que horas? Tipo, eu tenho que começar agora ou...?”

Para mim, isso não fazia muita diferença, mas achei que seria mais divertido esperar até a gente se encontrar. “Vamos deixar pra quando estivermos juntas.”

“Beleza, então, hum... eu gostaria de passar o dia dizendo “Shimamura”, enquanto ainda tenho tempo.”

“Hã?” Eu não entendi direito o que ela queria dizer. Claramente meu QA (Quociente Adachi) ainda estava baixo.

“Como eu falo ‘Shimamura’ todo dia, não quero quebrar essa sequência... acho?”

“.....”

“Shimamura?”

“Bah hah hah hah!”

Eu caí na risada — tão alto que ouvi ela se assustar do outro lado da linha. Da mesma forma, minha irmã se virou rapidamente, preocupada, mas eu acenei para ela não se preocupar.

“Adachi, você é mesmo única. Nem imagino de onde você tira essas coisas!”

Não foi sarcasmo, juro; foi um elogio. Uma parte de mim até achava que ela vinha de outra dimensão. Ela era simplesmente... diferente! Existia num espaço visceralmente distinto do meu. Ela era uma alienígena — uma garota do Planeta Adachi — e era incrível.

Ouvi ela murmurar, então esperei, e por fim ela falou:

“Bem, eu só penso em você.” Sim, essa minha Adachizinha era dedicada até demais.

“Ahhh, entendi. Isso explica por que eu nunca pensei nisso.” Sinceramente, Adachi provavelmente me levava 200 vezes mais a sério do que eu mesma, porque eu realmente não pensava muito em mim. Dito isso, eu pensava muito nela, então... sim, acho que era um bom equilíbrio. “Tá bom, então, pode tirar isso do peito.”

Se chamar meu nome era tudo o que ela precisava para ficar feliz, era um bom negócio.

“Shimamura.”

“Sim?”

“Shimamura.”

“Uhum?”

“...Shimamura.”

“Mmm?”

Era para eu dizer alguma coisa? Ela continuava dizendo meu nome, e eu não tinha tempo de pensar em algo entre uma chamada e outra. Cada uma das suas Shimamuras era única e singular, reverberando suavemente no meu coração como ondulações na superfície de um lago. E quando ela finalmente terminou...

"Melhor agora?" perguntei.

"...Sim." Sua resposta curta tinha uma certa firmeza. Sua fome havia sido saciada.

"Então tá, até logo."

"Tá."

Qual foi o ponto disso tudo? Rindo, desliguei.

"Agora..."

Me aprontei, e então...

"Tô saindo! Volto a tempo do jantar!"

"Tá bom!" respondeu minha mãe da cozinha, então fui até o sapateiro escolher um par de sapatos. Mas, enquanto eu escolhia, ela apareceu no corredor.

"Outro encontro com a Adachi-chan?" Agarrado ao lado dela estava um pequeno coala, mastigando repolho. Mas deixemos a Yashiro de lado.

"Encontro?" repeti. E como ela sabia que eu ia ver a Adachi?

"Bem, é o dia perfeito pra um encontro..."

O que você quer dizer? Tá nublado!

"Fala logo, você vai sair com a Adachi-chan, né?"

"...Bom, é..."

Não gostei da forma como ela falou. Conhecendo ela, provavelmente não tinha intenções por trás, mas ainda assim eu me sentia culpada. Não que eu fosse realmente "culpada" de alguma coisa, mas era o adjetivo que mais combinava com o que eu sentia.

"É sempre você e ela. Não tem outras amigas?"

"Talvez tenha, talvez não." Dei de ombros e calcei os sapatos.

Nesse momento, uma tempestade de brilhos azuis caiu sobre meus pés, e então virei de lado. Lá estava um tufo de cabelo de coala — quer dizer, cabelo da Yashiro, mas você entendeu — a poucos centímetros do meu rosto. Em algum momento ela havia pulado da minha mãe e caminhado até mim. Por impulso, estendi a mão e acariciei seu cabelo; ela sorriu, com a boca cheia de repolho. *Acho que ela não fala quando está comendo.* Agora eu entendia por que as pessoas dessa casa mantinham ela sempre bem alimentada.

Então minha mãe começou a me dar uns tapinhas leves na bunda, quase como se estivesse batendo numa porta. No começo ignorei, mas depois fiquei tão irritada que me virei para encará-la. Ela estava bem atrás de mim, olhando por cima como se tentasse fazer nossas sombras se sobreporem. Aí colocou a mão no quadril e começou a me observar dos pés à cabeça.

“Ora, ora, ora…”

“É isso aí!” respondi, sem dar trela. Fui em direção à porta.

“Vejo que você se esforçou bastante.”

Contra meu próprio juízo, parei e me virei.

“Aqui, aqui e ali.” Ela apontou para o rosto e pescoço, depois beliscou a roupa. *O quê?*

Aí eu entendi o que ela queria dizer e comecei a protestar, mas senti o rosto esquentar. Antes que eu pudesse fazer algo, ela acenou em sinal de despedida com um sorriso maroto. O coala também acenou com as patinhas, ainda ocupado comendo.

“Divirta-se, tá?”

Ela parecia enxergar através de mim, e isso me deixou desconfortável. Só acenei com a cabeça e saí de casa. *Me esforcei?* Comecei a coçar a cabeça, mas parei e olhei para frente.

“Brrrr.”

A primeira coisa que tive que aceitar hoje foi o frio do inverno. As nuvens no céu vinham acompanhadas de ventos gelados que arranhavam minha pele. Num dia como esse, o mais sensato seria ficar em casa... mas mesmo assim meus pés continuaram seguindo em frente.

Só podia ser eu para fazer uma besteira dessas.

***

“Oi.”

“Shima—” Adachi começou, mas congelou ao lembrar da regra de hoje. Seus ombros e quadris ficaram rígidos, parecendo um robô. “Hou...hetsu?”

“Quase, mas não é isso.”

Aparentemente ela havia enrolado a língua. Então começou a bater no peito como se fosse um tambor. *Acho que é um jeito de se acalmar, né?* Quando finalmente organizou as ideias, endireitou-se. “Hougetsu.”

Pude sentir o calor do constrangimento dela nas minhas bochechas. Ou seja, eu estava corando tanto quanto ela. A intensidade bateu como uma tonelada de tijolos. “Ah, oi,” soltei sem saber por quê.

Incapaz de aguentar mais, os dedos e pés da Adachi começaram a se mexer sem parar. “Isso é muito estranho.”

“É, meu rosto tá coçando agora,” instintivamente, levantei a mão para coçar.

Só agora, já tão tarde, a timidez realmente me atingiu. Olhando para tudo que fizemos juntas, era estranho que esse fosse o ponto de virada, mas, mesmo assim, não consegui evitar me contorcer. Quem diria que ainda haveria sentimentos novos a descobrir entre a gente? Esse relacionamento nunca deixava de me surpreender.

“Bem, uh, v-vamos lá... Hougetsu,” Adachi me incentivou — tão rígida que eu quase ouvia as juntas dela rangerem.

“Sim, vamos!” me alinhei ao lado dela, esperando dar um empurrão nos ombros tensos dela.

Nos encontramos na estação de trem — minha segunda vez fazendo isso no mês. Na última vez, fui para fora da cidade; desta vez, andamos pelo interior. Em ambas as vezes foi com garotas. A única diferença era… bem…

Como no ano passado, iríamos para Nagoya comprar chocolates. Mas e no próximo ano? Seríamos do terceiro ano, ocupadas estudando para os vestibulares. Será que teríamos tempo para fazer essa viagem?

Essa estação nunca ficava muito cheia, então andar por ali era tranquilo. Dito isso, se viajássemos algumas estações adiante, estaríamos apertadas como sardinhas. Mas, sabe, um dia eu provavelmente teria que encarar isso… certo? Ou passaria a vida toda aqui?

“Então, Adachi — opa, foi mal. Então, Sakura…”

Eu nem tinha pensado em algo para falar; só queria dizer o nome dela. Ela pareceu se assustar em resposta. De repente, parecia que estávamos muito mais próximas… Eu não sabia mais como olhar para ela.

“Q-que foi?”

“Ah, eu ia perguntar se você acabou de morder a língua.”

“Isso nem faz sentido…”

Ela cobriu a boca com a mão, parou para se recompor — e enquanto esperávamos, senti um formigamento na espinha. Hougetsu e Sakura… Por que parecia que estávamos falando de duas estranhas? Estávamos tão acostumadas com Adachi e Shimamura, que qualquer outro nome parecia tão alienígena quanto uma dimensão paralela — tipo uma cidade conhecida, mas com as ruas todas trocadas. Minha mente disparava sem controle.

“Hou… Hougetsu-san…?” Ela acrescentou o honorífico apressadamente, como se isso tornasse tudo menos embaraçoso.

“O que foi?” respondi enquanto subíamos para as catracas.

De perto, observei seus lábios se abrindo e se fechando. Será que ela estava usando maquiagem extra hoje? Examinei seu rosto disfarçadamente. *Quer dizer, não que eu...* A desculpa sumiu na minha cabeça.

“Preciso pensar no que quero dizer,” murmurou, abaixando a cabeça, e eu não pude evitar rir.

Passando pelas catracas, seguimos para a plataforma, conferindo o painel de LED com os horários enquanto andávamos. Pelos vários movimentos apressados das pessoas, dava para perceber que o trem chegaria a qualquer momento. Isso não aconteceu da última vez também? Eu e Adachi trocamos um olhar e então saímos correndo.

Correr não era algo que eu fazia muito na vida, por isso fiquei sem fôlego — uh, de tanta empolgação. Não era por falta de condicionamento, só estava animada. Quando chegamos à plataforma, lá estava o trem parado. Entramos correndo pela primeira porta aberta.

Do outro lado, pela janela, eu via o céu cinzento e sombrio entre nós e os prédios ao longe. Mas, afinal, se não fosse o clima típico do Dia dos Namorados, o que seria? Neve é mais coisa de Natal, e céu limpo também não combinava. A

única coisa que fazia sentido era a noite — provavelmente porque minhas melhores memórias do Dia dos Namorados aconteciam nesse horário.

Talvez aquilo provasse o valor de como tudo começa.

O vagão estava relativamente vazio, com muitos lugares para duas pessoas sentarem juntas. Será que era porque chegamos depois do horário do almoço? Sentei ao lado da janela, e Adachi se aproximou rapidamente do meu lado.

“Hougetsu?”

No instante que sentei, Adachi-robô chamou meu nome. Era a única forma de descrever a velocidade e rigidez com que ela virou a cabeça.

“Você… tá animada?”

Até o assunto que ela escolheu soava rígido. Era dolorosamente óbvio que ela não sabia bater papo.

“Sim, totalmente.”

“Você não parece séria…”

“Pra quê seriedade se a gente tá se divertindo?”

A diversão tinha o poder de me fazer esquecer o peso do cotidiano. Na verdade, qualquer coisa que prendesse minha atenção podia aliviar esse fardo, fosse divertida ou não — do mesmo jeito que os sonhos consumiam metade do meu dia, independente do conteúdo.

“Hougetsu.”

“Sou eu.”

Ela repetia meu nome várias vezes, como se estivesse tentando se acostumar com ele. Eu tinha quase certeza de que amanhã voltaríamos a ser “Adachi e Shimamura”, mas ali estava ela, dando 120% de esforço naquele momento. Pensando assim, eu estava disposta a aguentar o calor nas minhas bochechas.

Então o trem começou a se mover. Alegremente, mexi a cabeça acompanhando o balanço.

“Quer fazer alguma coisa? Enquanto fico pensando em assuntos para conversar?”

“Hmmm… Ok, então, vamos brincar de guerra de polegar.” Estendi minha mão esquerda, que não era a dominante. *Vou ficar em desvantagem só por você, Adachi! Hehe!*

“Pra quê?”

“É nossa tradição!” *Pelo menos, foi o que disse para a Panchos.*

“Uh… tá.”

Ela estendeu timidamente a mão esquerda. Segurando firme, estendi meu polegar. Por algum motivo, guerra de polegares era a atividade perfeita para o Dia dos Namorados — dois pontos de diversão na longa e monótona viagem de trem até Nagoya.

Enquanto prendia o polegar dela sob o meu e começava a contar, senti minha voz subir e tive que me conter apressadamente. Quando eu a perseguia, ela frequentemente mudava de ideia e voltava correndo. *A personalidade dela realmente brilhava nesse jogo*, pensei enquanto a prendia de novo.

E assim perdemos tempo fazendo quase nada — mas quando paramos de brincar, o sorriso da Adachi estava bem mais relaxado. Levou um tempo até ela chegar a esse ponto, e momentos como aquele me davam um vislumbre da vida que ela tinha levado. Será que isso começaria a mudar a partir dali?

“Ok, terminei. Fale alguma coisa, Shimamura.”

“……”

“Shimamura?”

“……..”

“Ah, certo… H-Hougetsu.”

“Ok, deixa eu pensar...”

Virei as costas e não dei atenção até ela dizer meu nome — então voltei a encará-la. Por algum motivo, Adachi despertava meu lado travesso. *Poxa, por que será?* Fingi não saber a resposta enquanto resistia ao impulso alegre de cantar.

“Então… vamos falar da Arca de Adachi,” declarei solenemente, esperando uma reação confusa. Mas quando olhei para ela, a encontrei fazendo bico. *Que cara de pato é essa?*

“Nome errado,” resmungou ela.

“Opa.” Dessa vez eu errei. Baixei a guarda e voltei ao normal — minha vida normal com a Adachi. “Sakura,” chamei, como um teste. Adachi fechou os punhos e tentou resistir.

“Enfim… que história é essa de arca?”

“Quero dizer que você é meu barco, Sakura,” expliquei, escolhendo falar em metáforas de propósito. O olhar dela vagou por um instante enquanto as bochechas coravam — o que estaria imaginando? “Você me leva para todos os lugares que quero ir.”

Sem a Adachi, eu não estaria nesse trem. Sem a Adachi, eu veria Tarumi de novo e ainda seríamos amigas. Para o bem ou para o mal, escolhi estar com a Adachi — e não só fisicamente. Meus sentimentos me levaram para um território desconhecido e inexplorado.

“Então sim, tô animada. Animada pra ver pra onde você vai me levar.”

Como a Adachi era do tipo que mostra o que sente, falei de forma clara e decidida. Assim, até uma idiota completa como eu conseguiria dizer aquilo com facilidade. Ela fez uma pausa para pensar, olhando para o polegar que mexia para cima e para baixo.

“O que você tá dizendo é complicado demais pra eu entender, Shimamura.”

“Shimamura? Quem é essa?” eu retruquei.

Ela franziu os lábios e continuou: “Shimamura Hougetsu, se isso te faz feliz, então… então eu também tô animada com isso!”

Pude perceber que ela lutava para encontrar as palavras certas, a voz mal saindo pela garganta apertada. Essas eram as coisas que a linguagem realmente deveria transmitir, e Adachi era uma mestre em seu ofício. Ela era tão desajeitada, mas muito forte e pura no fundo. E aquela foi a primeira vez que ela pronunciou meu nome completo em voz alta. Parecia que ela havia tocado cada parte de mim, da cabeça aos pés.

Então, para retomar aquele poder e virar tudo de cabeça para baixo…

“……Adachi Sakura.”

“Q-quê? O quê?”

“Nada.”

“Ah, qual é…”

Virei o rosto, desviando o olhar para o céu nublado lá fora. Queria poder abrir asas e voar para longe do meu lugar.

Finalmente, o trem chegou ao nosso destino. Quando parou, as portas se abriram como que dizendo: “Vamos lá, meninas.” Adachi foi a primeira a se levantar, então corri para passar à frente dela. E bem antes de sairmos do trem, me virei.

“Ei, Sakura? Vamos.”

Estendi a mão para pegar a dela. Normalmente eu não tomava essa iniciativa; na verdade, talvez fosse a primeira vez que me sentia assim. Era surpreendentemente vulnerável estender a mão sem nenhuma sutileza. Mas meu coração se recusava a fazer desvios. Algo corria em mim, queimando forte, e meu pulso acelerava atrás disso.

A princípio, os olhos da Adachi se arregalaram, como se chocada por eu ter roubado o papel dela. Mas ela logo percebeu meus dedos e sorriu, talvez com um sorriso largo demais, os olhos brilhando. Parecia dividida entre rir e chorar.

“Vamos, Hou…” Adachi tropeçou no momento mais crucial. Então, após uma pausa, ela completou: “Hougetsu.”

Ela segurou minha mão firmemente. Dar as mãos era uma das coisas favoritas dela; fazia flores desabrocharem em nossos peitos. E naquele instante, nem o frio do inverno conseguia tocar nossas cerejeiras.

Juntas, podemos ir a qualquer lugar.